

# HELLADA

FRIZOS GREGOS

JOSÉ AUGUSTO

*f*

EDIÇÕES MOMENTO







A Fernando Pessoa  
com muito admiração  
e  
oferece  
Jose Augusto  
XXXXIV

H E L L A D A  
P R I M A V E R A

DEPOIS DÊSTE LIVRO  
E NAS EDIÇÕES MOMENTO

A MINHA VIDA  
DE SALOMÃO  
- r o m a n c e -

/

ENSAIOS DUM  
REBELDE

/

# HELLADA

FRIZOS GREGOS

JOSÉ AUGUSTO

/

EDIÇÕES MOMENTO

HELLA

1910 AUGUSTO

1910 AUGUSTO



*Vivo a vida e deixo a morte  
para os outros*



A MINHA MÃE,  
ALTO AMOR DA  
MINHA VIDA



*D E M É T R I O*

*A ARTUR AUGUSTO*

D E M E T R I O

A ALTA MATEMATICA

*Reclinada sobre o mar Egeu, a ilha de Paros é um tufo de verdura. No porto, as naves, de vélas largas, baloiçam-se ao vento, ostentando as suas tríplexes fiadas de remos longos, e erguendo aos límpidos céus as prôas trabalhadas: cabeças de cavalo, crocodilos, Deuses, cytharas... Numa pequena colina sobreanceira ao porto, ergue-se um templo a Zeus. Em baixo, aglomeradas, as casas miseráveis são, na maioria, tabernas e prostíbulos. Longe do bulício do porto,*

## HELLADA

*num declive suave sobre o mar, vive um poeta de nome Demétrio. Ao longe ouve-se o mar, a soluçar... Ciprestes esguios ondeiam ao sabor do vento suave. Pombos brancos passam em revoada. Demétrio canta. Nascera poeta. Sabia da sensibilidade dos troncos nús das arvores e dos amôres das rochas. Via na Naturêsa a mais perfeita de todas as obras e decifrava o cântico so turno das ramagens açoitadas pelo vento, e o marulhar contínuo das vagas despedaçando-se nos rochedos firmes. Demétrio, fronte larga, espaçosa, cabelos negros, tomava uma ideia, dava-lhe forma e insatisfeito procurava novas formas, até atingir o máximo de plasticidade da ideia. Nas arvores e nos pássaros, adivinhára a chegada da primavera. Se até então vivera feliz, numa*



## DEMÉTRIO

quietação doce e produtiva, ao cantar a *Naturêsa* nos amores dos pássaros e no mistério das coisas, sentira-se isoladamente só... Tinha começado a primavera... Num dia, em que os Imortais tinham vestido a *Naturêsa* de galas como que a saüdar os homens, caminhava abstrato—túnica clara e curta, cingida aos rins por correia de couro, clâmide presa ao ombro—compondo mentalmente um poema, quando num bosque próximo viu, junto da estátua grosseira dum sátiro, esculpida por ignorado artista, uma deusa, uma mulher! O corpo dela era grácil, cintura fléxivel e dobradiça como os juncos. Os seios saíam do peito como continuação, seqüencia fatal. ... E o seu nome era *Gypsis*... Cantou-a em estrofes belas, como havia cantado a *Naturêsa*. E de-

## HELLADA

*sejou-a. E quando a teve conquistada, rendida a seus pés, amou-a como se ama a vez primeira. Porque era uma deusa fugida do Olimpo e o seu corpo flexuoso, ardente, lembrava uma estátua, que ele, como homem e artista, admirava. Assim esquecera o culto dos antepassados. A amar perdera o ritmo cadenciado do verso. Procurava ideias, mas o seu cérebro, outrora fecundo, recusava-se a produzir. Olhando o azul safira do mar, comparava-o ao tom turquêza dos olhos da amante. Ao ver as colinas a pique sobre o oceano, recordava os seios dela, erétos e turgidos. E, ao notar a sua impotência creadora, compreendeu que os Deuses se tinham vingado. Era feliz, imensamente feliz; e a felicidade não podia existir na terra. Esquecera os Deuses ao adorar a*

*mulher. Renegara um culto, e os Imortais eram ciosos. A prova ali estava, palpavel, vivida, avassalante, naquele tormento sem fim. Os Deuses haviam-se vingado! Abandonar por momentos de loucura passageira, obras imortais de harmonia? Não, não era possivel! Mas, esquecer essa escultura viva, obra dos Deuses, pela fama, pela glória? Não seria digno do amor? Ah! os Deuses tinham sido crueis! Os seus pensamentos conduziam a nenhures. Tal era o dilema que se lhe oferecia: desprezar aquele corpo, continuando o seu destino de artista, ou entregar-se ao amor animal e insatisfeito. Só lhe restava suplicar aos Imortais — causa e origem do seu mal — a solução que o cérebro humano não atingia. Era o fim do fim. . . . E o poeta, erguendo os braços, pediu*

## HELLADA

*perdão aos Deuses. Os ciprestes, altos e esguios, gemiam baladas de dôr, cantando.*

*Oh! Deuses do Olimpo!  
Oh! omnipotentes! Crêde-me sem culpa; eu não vos ofendi! Sou humano. Nasci duma pedra que Deucalião atirou, para detrás das costas, com repulsa e nôjo. Vós, oh Deuses, deste-me a faculdade de amar. E eu amei, oh Deuses! o meu crime foi amar. Perdoai-me!*

*Abateu os braços com desalento. Os ciprestes gemeram mais baixo. Recolheu a casa; apagou a lâmpada de barro vermelho, em forma de cothurno e, dei-*

## DEMÉTRIO

*tou-se. Altas horas, Hérmes, o mensageiro dos Deuses, apareceu-lhe e disse: «Um homem pode amar a sua terra, o seu campo, e amar a sua mulher. Deve mesmo lavrar o seu campo pois que daí tira o alimento para os filhos da sua mulher. Da benevolência de Zeus veio o perdão para ti, poeta, mas, cuidado! não esqueças os Deuses...» Calou-se. Demétrio então compreendeu que podia amar a sua arte e a sua mulher, como o homem pode amar a sua mulher e o seu campo. Não devia produzir versos mais belos do que aqueles que já fizera. Incorreria no desagrado dos Deuses, pois que o talento pertence-lhes. Restava-lhe quedar-se na admiração da sua obra sempre nova, sempre bela. Olhou-se, então para dentro*

## HELLADA

*e viu que, quando cantára a Naturêsa, celebrára a amante desconhecida, a mulher ideal. Pressentira-a. Por isso, como nos seus versos enaltecendo a Naturêsa, cantára a Gypsis, e restando-lhe quedar-se na admiração da sua obra, só amando a mulher podia satisfazer a vontade dos Deuses e a sua vontade. Ao descobrir esta verdade, Demétrio abençoou os Imortais e procurando no redil o anho mais gordo, correu ao bosque próximo a sacrificá-lo ante rústica ara de pedra. Sacrificou-o a Dionizio, deus da alegria.*

*No sopé da ara um friso contava a vida de Dionizio. Pastor ou viandante tinham-no coroado de hera, e o Deus parecia dizer: Amai! A vida é beber e amar! E Demétrio amou e bebeu...*

DEMÉTRIO

*Eis a história de Demétrio como se encontra contada num friso grego do ano III da X Olimpíada.*





A G I S

A ANTÓNIO BOTTO



No Forum era grande a animação. Aquela hora toda a Atenas luxuosa e libertina vinha passear e mostrar-se. Jovens de chiton curto, cabelos ao vento, caminhavam cantando uns motivos satíricos em que era visado um tal Euclides, negociante de coiros, que negociava a mulher. Nos banhos, reunia-se uma multidão. E à porta, mendigos cegos, de túnicas rotas, esmolavam, invocando Aphrodite, e murmurando baixo, quasi a mêdo, o nôme temido de

## HELLADA

*Hadés, deus do interior da terra, deus maléfico. Era dia de mercado. Os últimos vendedores levantavam as tendas, enquanto outros, recolhiam a louça de barro. Burros com cebolas e alhos, partiam para as herdades fora das muralhas. Num carro, semi-esvasiados, dois odres lembravam tripas de animal morto. Estava Ágis no Forum, as horas passavam, e ele via a noite descer envolvendo a terra num manto de sombras e de névoas... Então passou por Ágis uma formosa mulher. Uma túnica de linho envolvia-a toda e sob a túnica um tecido ricamente bordado, ajustava-se-lhe aos seios, preso por broche de ouro. Os cabelos soltos em caracois divinos caíam-lhe sobre os ombros. Um perfume vago de licor de rosa de Phâselis embalsamava o ar. Passou. E, ao ver*

a figura gentil do moço escultor, voltou-se para o admirar.

— Salvé, moço.

— Salvé! *hetaíra!* Segues apressada?

— *Interessa-te? Dirijo-me ao Cerâmico.*

*Dez vezes o meu nome aí está escrito.*

*Sou a mais bela das cortezãs e os meus amantes disputam-me.*

— *Qual escolhes hoje?*

— *Aquele que me amar mais.*

— *Como sabes que te amam?*

— *Quando me pagam dois talentos pelo tempo breve duma clepsydra é porque me amam. Vem!*

— *Não te poderia dar nem um só drachma.*

— *Vem! Hoje os jardins fúnebres onde repoisam os herois não ouvirão os meus gemidos. O mármore das campas não sentirá o calor do meu corpo. Acompa-*

## HELLADA

*nha-me. Levar-te-ei a minha casa. Sou Elissa, a fenícia. Os poetas chamam-me errante, e graciosa. O meu leito de cedro já não conhece há muito o calor dum corpo jovem e belo. O último que lá dormiu pagou vinte mil kors de trigo pelo meu amôr.*

*— Elissa, acompanho-te.*

*E Ágis, descendente de Pelasgos, o filho de terra escura, acompanhou Elissa, a  
das terras baixas*

.....  
*E Ágis, o escultor, amou Elissa, a cortesã. Então ela contou-lhe a sua vida de vítima de Eros. Nascera em Gehol, a cidade mais antiga do mundo, fundada por El, no princípio dos tempos. Fôra seu pai Astartus. Ao iniciar uma viagem sacrificava dois galos, invocava a fôrça de Melkart e partia confiado.*

Com êste auxílio chegára à foz do Istros. Assim costeara a velha Hespéria. Após as viagens, quando voltava para Tyron, mandava güarnecer os pavimentos com lâminas de oiro. Os seus moveis de marfim e cedro, com embutidos de cipreste, guardavam riquêsas em prata, que indígenas de Tartessus trocavam por vidros e tecidos de côres várias. A fama das suas riquezas enchia Tyron. Mas a morte desastrosa do pai te-la-ia lançado na miséria, se não tivesse aprendido, com uma grega do templo de Astarté, os encantos, a arte de seduzir duma serva da persuasão. Fizera-se cortezã. Era procurada pelo exotismo do seu amor e pelo capricho dos seus desejos. Acostumara-se a ter á sua volta uma côrte adulatora de poetas e filósofos. E por vezes, após

## HELLADA

*ter-se deixado amar por um negociante rico e bárbaro, procurava o amor dum dos seus poetas. Fôra, ainda, por capricho que quizera entregar o seu corpo a Ágis.*

.....  
*Elissa sonhara toda a noite com Hekata, a sinistra deusa. Cães furiosos, acorrentados por cadeias de fogo, guardavam o seu palácio de sombras. E Hephaïstos, o ferreiro divino forjava as correntes que prendiam as almas. Acordára com o ruído dos martelos sobre bigornas de ferro. As temporas batiam-lhe. Sentia-se doente. Então, pela primeira vez, assaltou-a o vago receio da morte. E se morresse já? Para mais, que lhe restava fazer? O seu destino estava cumprido. Agora a vida era a continuação do que até*



ai fôra, do que já passára. A vida para ela perdera todo o encanto do ineditismo. Se nada lhe restava fazer, era certo que os Imortais a chamariam. Então, teve a certêsa: Ia morrer. Quem se lembraria dela depois? Sentia-se já uma sombra, quási uma intrusa. E da sua belêsa ficaria, talvez, só, a recordação daqueles que não a tivessem possuído. E era horrível pensar que do seu corpo, do seu amor, perduraria unicamente a lembrança amargurada dum desejo insatisfeito. Ao descer do leito assaltaram-lhe todas estas ideias em turbilhão, brutalmente. Se a intimidava a ideia de morrer, a certêsa de que mêses depois seria um fantasma do passado, aterrorisava-a. Mas ela ainda era bela, muito bela, mesmo. E acariciando as

## HELLADA

coxas largas, olhava-se amorosamente. E ao contemplar-se adivinhava que a sua carne ainda despertava desejos. E se era desejada, não devia morrer. Se os Imortais tinham criado a mulher para prazer do homem, como tudo indicava, ela devia ainda viver para matar a sêde a muitos sequiosos de amor. Tinha de cumprir a missão para que fôra criada. Os Deuses, decerto, veriam que ela não devia morrer. Mas, o sonho, o terrível sonho? E os cães furiosos acorrentados, querendo partir as cadeias e lança-se sobre ela? E o martelo de Hephaistos batendo-lhe nas fontes sem cessar? Que tormento! Dirigiu-se para o banho. Numa tina de mármore uma escrava lavou-a em nardo de Tasos. Depois esquecido um pouco mais o pesadelo

*passou para a sala próxima. Aí uma escrava, hábil na arte de amaciar a pele, friccionou-lhe a face com vinagre fino, dum vago perfume de Lydia. Em seguida, queimado incenso, a cabeleira ficou, discretamente perfumada. Com um pente de prata, a escrava alisou-lhe o cabelo rebelde, fazendo-o cair sobre os ombros nus. Lavados os seios e a face com leite, friccionou o corpo com flôres. Em seguida, ajustando com larga faixa um tecido ricamente bordado, ao corpo esbelto, adornou-se com colares e amuletos que seu pai lhe oferecera em dias distantes e felizes. Uma cornalina refulgia sôbre o seio esquerdo. Contemplou-se na chapa de prata e achou-se bela. Mas a lembrança de Hekata, a deusa estéril, e dos cães furiosos, preocupava-a. E éste sônho*

## HELLADA

enviado por Zeus, representava o futuro. Assim foi falar a Ágis.

.....

A brisa do meio-dia agitava as copas largas das arvores. E naquele campo, onde pastavam cabras e os bois brancos vinham beber ao ribeiro, que entre flores cantava o seu motivo estival em louvor de Pan, Ágis conversava com Zylío, o poeta querido de Elissa. Depilada a face, dum tom lácteo onde os cosméticos atuavam, cabêlos em caracóis, todo perfumado, consagrava Zylío a sua vida a Adonis. Era belo. As coxas mais altas que de ordinário, davam-lhe um ár de flexibilidade elegante. Duma figura varonil, sentia-se nêle a virilidade dominadora do homem aliada á submissão incondicional da mulher. O seu ár de desprendimento insuflava

confiança. E Zylío lia a Agís, umas canções segundo a tradição eólica que composera havia pouco. Eram canções bucólicas que recordavam a sua juventude, lá longe, na sua pequena cidade junto ao Achéloüs, na selvagem Etólia. Diziam assim as canções:

### O NOSSO DESEJO

Sou jovem e a vida é bela.  
As árvores, nuas de folhagem erguem, para os ceus os galhos suplicantes. Os meus rebanhos pastam e, eu, tocando na avena rústica, canto, coroado de myrtos.

Afastam-se do meu reba-

## HELLADA

*nho, cabras e ovelhas, e do rebanho de Magon afastam-se, também, cabras e ovelhas. E as minhas ovelhas confundem-se com as suas.*

*Assim são os nossos desejos. Nós permanecemos quietos, mas os nossos desejos procuram-se e confundem-se.*

*Fêz uma pequena pausa e continuou:*

A N E V E

*Hoje caiu neve sobre os nossos campos. Alegrei-me em a vêr. Toda branca, a*

*terra parecia a túnica de  
uma virgem.*

*Minha mãe comparou a  
neve branca com a minha  
alma.*

*Hoje chorei muito. Um  
homem, com sandálias fer-  
radas, passou junto da mi-  
nha porta e sujou a minha  
neve.*

*Na minha alma estão gra-  
vados os sinais da neve.*

## OS MISTÉRIOS DO FUTURO

*Minha mãe disse-me: Uma*

HELLADA

*mulher há-de vir e fará no  
teu corpo o que o homem  
fêz na neve: manchá-lo-á.*

*Foge do homem e da mu-  
lher. Procura as cabras e  
os pássaros.*

*Porque chorei eu? Talvez  
pelas palavras de minha  
mãe.*

*Depois, limpei as lágrimas  
e fui para o átrio, coroadado  
de jasmim e de túnica nova.*

A Á R V O R E  
P R O T É T O R A

*Hoje estou triste. Brinqueei*



*com Magon. Magon é belo  
como aquele deus que eu  
amo.*

*De repente fugiu de mim,  
Corri atrás dele. Não o en-  
contrei. Quando voltei,  
desolado, para junto da ár-  
vore que me protege, encos-  
tei-me a ela a chorar.*

*E dos ramos mais altos da  
árvore, impelidos, doce-  
mente, por Eolos, despren-  
deram-se duas gotas de or-  
valho que caíram sobre a  
minha face.*

*Era a árvore a chorar?  
Chorar de quê?  
Chorar porquê?*

## HELLADA

*Aqui parou Zyllo, nada mais tinha escrito. Aproximara-se de Ágis e ia contar-lhe do seu poema, breve como a vida das cigarras que perto cantavam, quando apareceu Elissa. E Elissa dirigindo-se para Ágis contou-lhe o seu pesadelo. A imaginação, criou novos motivos de horror. E encostando a cabeça contra o peito dele, parecia procurar proteção. Então, como por um capricho infantil, pediu a Ágis que perpetuasse no mármore, o tom lácteo das suas carnes. Se o corpo era fugás e transitório sobre a terra, a estátua, sua cópia fiel, diria da sua belêsa. E o povo adorá-la-ia, ao senti-la a imagem de Aphrodite. E ao verem a estátua diriam: Na vida foi Elissa, a mais bela das cortezãs do seu tempo. D outro modo esquece-la-íam. Nem que se*

desse a todos, indiferentemente, para que cada um guardasse, dentro de si, a recordação duns momentos breves de amor, conseguiria ser recordada. A ingratiidão reinava no coração dos homens! Mas ela, com sua belêsa, e Ágis com o seu talento, conseguiriam obra que perdurasse. Porem, uma coisa mais queria pedir: a estátua seria cópia fiel de si mêmua. Não queria que ele, Ágis, deturpasse o seu modelo. Ela ainda era suficientemente bela para apaixonar um artista. Se Ágis alterasse, um pouco que fosse, ela não saberia se os elogios à belêsa de estátua seriam elogios às formas divinas do seu corpo ou à parte de fantasia que Ágis aí tivesse posto. E, formulando este pedido, fruto de sua vaidade de mulher, ela, despreendendo os cabelos de Ágis, começou brin-

HELLADA

*cando com ele na relva macia, à sombra quieta das oliveiras. Zylío desapparecera*

.....  
Agis — *Zylío, percorramos estes campos que me são tão caros. Quero explicar-te aquilo que classificas de inexplicavel. Quero confessar-te as razões primeiras, as causas, e até, se possível fôr...*

Zylío — *... as conseqüências, não? Mas, podem-se prever as conseqüências dum facto? Quanto a mim constatam-se, tiram-se algumas conclusões, por vezes úteis, mas não se preveem. Quando Péricles se apoderou do poder de Atenas, poder-se-iam antever as conseqüências que êsse ato teve para as artes?*

Agis — *Vejo que não pensamos do mes-*

mo modo. Afastemo-nos do nosso ponto de partida, se se podem prever as conseqüências dum facto, e analisemos, serenamente, neste fim de tarde, se a arte de Phidias foi resultado da política de Péricles.

Zylio — Compreendamo-nos. A arte de Phidias não foi só, fruto da administração de Péricles. Phidias sem Péricles teria existido mas não teria sido Phidias.

Agis — Na tua opinião teria sido um escultor com algum talento, mas sem um meio-ambiente propício á sua arte, ao seu génio, talvez... Entretanto, quanto a mim, Phidias teria de existir. Ele não é o produto duma época, duma geração, é antes, o fruto duma civilisação de esplendôr. E... teria de apparecer ou no govêrno de Péricles, ou no dos trinta tiranos... em qualquer go-

## HE L L A D A

vêrno, ou em qualquer época. *Phidias*, é a arte grega por si só; é o produto da gestação dos primitivos xoana, dessas ingenuas estatuetas de madeira mal talhada, de linhas rígidas, a travez da escola de Argos, em que se sente já a ância do tipo puro da belêsa física, aliado à ação, ao movimento. Para que existisse *Phidias*, não ímportou o meio social em que floresceu, bastou só o que nele havia de arte, de sentimento de magestade e conhecimento da verdadeira belêsa, a das formas, essa belêsa sádia que faz esquecer a tristêsa da vida e que só recorda o triunfo do amor.

Zylio — De acôrdo. *Phidias* teria sido sempre *Phidias* em qualquer época e em qualquer país, mas se conseguiu levar a cabo as obras do *Parthenon*

*foi com o tesouro dos aliados que Péricles pôs á sua disposição. Sem esse dinheiro, o divino artista não teria podido representar Zeus olímpico.*

*Agís — O dinheiro... Sei que Phidias sem o tesouro dos aliados não teria realizado essa obra monumental mas, numa só estátua, num só friso, Phidias teria mostrado o seu génio. Um artista, para provar que é artista, não precisa de produzir muitas obras, basta-lhe uma só, desde que ela tenha harmonia e belêsa.*

*Zylio — Um só friso, Agís?*

*Agís — Sim, um só friso. Uma só mão, mêsmo, é o suficiente para indicar o artista. Mais, ainda, um artista, depois de ter feito uma obra que tenha agradado aos Imortais, deve quebrar o cin-*

HELLADA

zel. Talvez que a outra não seja tão perfeita. . .

Zylio — *Êsse conceito relativo ás artes, é tão lato que atinja a arte de movimento, a quarta, segundo a classificação de Lucilio de Tarsa, a literatura?*

Ágis — *Atinge sim, a literatura.*

Zylio — *Pensas então, nesse caso, que um artista deve partir o estilete depois de ter escrito um poema. Vejamos, Ágis: é a Iliada de Homero uma obra de arte, uma dessas obras que agradam aos Deuses, segundo a tua expressão de há pouco?*

Ágis — *Certamente.*

Zylio — *Nesse caso pensas que o divino aedo não devia ter composto a Odisseia, obra posterior?*

Ágis — *Mas. . .*

Zylio — *Concordas, certamente.*

Ágis — *Concordo.*



Zylio — *Então devemos expurgar a memória do velho Meonidas por ter produzido em excesso.*

Agis — *Sabe, Zylio, que qualquer verdade levada aos extremos degenera em mentira. O meu postulado, talvez baseado em verdade, veio, atravez da tua dedução, demonstrar um facto que me repugna aceitar.*

Zilyo — *Áfirmas que qualquer verdade levada ao exagero degenera em mentíra?*

Agis — *Áfirmo, sim.*

Zylio — *A afirmação é arrojada. Negas a existência dos Deuses. Não são eles a verdade máxima?*

Agis — *Certamente.*

Zylio — *A verdade levada ao exagero?*

Agis — *Não. Há certas verdades que pela sua estrutura própria não se podem exagerar pelo simples motivo de*

HELLADA

*que não podemos aumentar ou diminuir-lhes a intensidade. Há verdades, tais, que por todos são respeitadas.*

Zylio — *Áceitas os dogmas?*

Agis — *Sim.*

Zylio — *Crês nos Imortais?*

Agis — *Creio.*

Zylio — *Conheces Anexogare, companheiro de Socrates?*

Agis — *Não o li ainda.*

Zylio — *Sabes que Anexogare foi expulso de Atenas?*

Agis — *Conheço o facto.*

Zylio — *Conheces as causas?*

Agis — *Não.*

Zylio — *Foi condenado ao exílio porque concebeu a ideia dum espirito puro, dum Deus único, sumo sacerdote, intelligência suprema. Assim atacou a religião de Atenas. E os homens, inter-*

pretando a vontade dos Deuses, expulsaram-no. Anexogare não acreditava nos Imortais e uma tribo que habita no Oriente, na Judeia, gente corrupta e avara, duma moral acanhada, aceita esse Deus como divindade única, suprema.

Agis — *E pensas que...*

Zylio — *Uma certêsa te dou, Agis. É que se as doutrinas de Anexogare vingarem, e a religião dessas tribus invadir o solo sagrado de Atenas os Deuses serão expulsos do Olimpo. Os Omnipotentes desaparecerão. E uma nova moral se estabelecerá na terra. Moral hipócrita e má, para uns, casta e santa, para outros. Não mais veremos ao ár livre, na solitude dos sagrados bosques dois corpos enlaçados, estuantes de seiva, num delírio de posse,*

## HELLADA

*de penetração mútua. E quando as trombetas da nova religião se ouvirem expulsando os Imortais, então os homens hão-de sentir que deixaram de adorar a vida para temer a morte. E o médo do reino de Hadés leva-los-à a sacrificios, incruentos, é certo, mas mais dolorosos, sacrificios de alma. E o reino da carne acabará. Os nossos corpos belos serão tapados. A nudês será considerada um crime, e o amôr um peccado que o homem deve esquecer. Eis o reino do Deus que Anaxogare imaginou.*

*Agis—Mas, Zylío, vês êsse triste futuro próximo? E os Deuses, que fazem?*

*Zylío—Diz antes, os homens.*

*Agis—Os homens?*

*Zylío—Sim, os homens. São êles que*

*criam as divindades. Foram êles que criaram os nossos Deuses, foram ainda êles que conceberam este Deus único. É o fogo que Prometheu, em má hora, roubou a Zeus para animar o corpo do homem. É a imaginação, a inteligência que tem feito tudo isto. É a atração do incognoscível, é o desejo de explicação do inexplicavel. Se o homem só visse o que tem à sua volta, e não quizesse saber das causas... o homem, seria feliz. Assim consome-se no tormento de tudo querer explicar. É nesse desejo que cria os Deuses, personificando o seu pensamento. Se o homem visse a vida, só a vida. Se êle soubesse viver a vida...*

*Agis — Mas, então, o homem não sabe viver, não gosa a vida?*

*Zylio — Não! A vida é o amor. Viver*

## HELLADA

*é desejar, é possuir, é amar. A vida resume-se, afinal, no desejo.*

*Agis — Essa conceção tão materialista não parece dum poeta.*

*Zylio — Materialista, dizes. Desejar a carne, desejar o que nos deseja, chamas a isso materialismo. Chamas materialismo ao amor, ao amor carnal?*

*Agis — O amor é, e será sempre, um mixto de materialismo e de espiritualidade.*

*Zylio — O amor será sempre o mixto de dois corpos que se desejam, que se procuram. A união de dois corpos jovens e belos é sempre amor, seja fonte de vida, seja só fonte de prazer.*

*Agis — Defendes o amor socrático?*

*Zylio — Defender?! O amor qualquer que ele seja não necessita de defesa. Conheces a formação do homem se-*

gundo os mytos? Sabes como Prometheu criou o homem e a mulher? Criou os órgãos, necessidades e funções, separadamente. Quando ia ultimar a sua obra foi para um banquete e à volta, louvor de Dionizio, o titan já pouco conhecia da realidade das coisas. E os muitos órgãos, necessidades e funções distribui-os de tal modo que hoje há homens com necessidades de mulher e há mulheres com função de homens. O segredo do amor, Ágis, consiste não na escolha de individuo de sexo diferente mas daquele que tenha necessidades, órgãos e funções diferentes.

Ágis — Será isso o amor?

Zylio — Tu o disseste.

Ágis — Talvez. Entretanto é cruel a incertêsa.

HELLADA

Zylio — *A incertêsa só existe quando se quer. Há pelo menos, uma certêsa.*

Agis — *Qual?*

Zylio — *A de que se é desejado.*

Agis — *E quando há essa certêsa...*

Zylio — *Quando há essa certêsa todo o resto deve ser posto de parte, e a certêsa como a verdade é só uma. Essa é a certêsa.*

Agis —  *Talvez seja. Duvido entretanto.*

Zylio — *Responde-me Agis. Porque motivo não conseguiste esculpir no mármore as formas de Elissa? Porque motivo não satisfizeste esse capricho, esse desejo?*

Agis — *Não sei.*

Zylio — *Eu sei a causa, entretanto. Quando pela primeira vez ela pousou para ti na oficina e lhe viste, sem artificios, o corpo, reconheceste-te impo-*



tente. Os seios caídos, flácidos, aquela maturidade que se lhe adivinhava nas carnes era um obstáculo à tua arte, à tua maneira de sentir. Depois como ela quiz que tu a retratasses fielmente... Compreendi-te, logo, Agis. Tu não sentias, não podeste mostrar a tua fina sensibilidade de artista. Ela compreendeu a tua impotência. Tu não a compreendeste.

Agis — Sentia-a, mas não quiz acreditar.

Zylio — O artista só pode produzir pela emoção estética, e tu não sentiste essa emoção. Crê nesta verdade, meu amigo.

E nessa conversa longa se passou o tempo e quando acordaram do seu sonho, viram a lua cinzenta, inundando a terra duma luz diafana, azulada...

## HELLADA

*Numa atitude que lhe era muito natural Zylio, quedava-se apoiado sobre uma perna, de maneira a desenhar uma curva indolente, ressaltando mais, assim, a sua virilidade adormecida, num abandono estudado de si mesmo, o torso flexível e o olhar sonhador. O mármore esbatido sob o cinzel de Ágis parecia adquirir vida, adivinhava-se a epiderme morna e suave. Ágis trabalhava na sua obra. Quizera dominar Atenas com a sua arte e um modelo se lhe oferecera: Zylio, cuja figura varonil ao ser transposta fielmente para o mármore tomava uma esbeltêsa especial. A cabeça graciosa, inclinada sobre o ombro direito, encantava, seduzindo. Ágis quizera coroá-lo com pãmpanos. Zylio recusara. Não era um atleta, nunca poderia fazer alarde de*

tôrças porque o que tem fôrça deve dominar e ele nascera para ser dominado e não para vencer. Por isso repelia a coroa de folhas de vinha que recordava Sileno. Todos os dias Zylío vinha à oficina perante Ágis mostrar a sua nudez maravilhosa. E Zylío ao ver a profunda emoção que se apoderava de Ágis, ao ver o cinzel, nervoso, rápido, aqui esbatendo, ali alizando, acariciando o mármore branco sentia que

Ágis estava no culto da belêsa.

.....

Zylío — Crê, Ágis, que a obra de arte só perdura quando sentida. Só quando a emoção interior se exteriorisa. produzindo belêsa é que se está na verdadeira arte. Quando a obra de arte não tem esse fundo humano, subjetivo, não corresponde à verdade—é uma máscara

## HELLADA

*de tragédia abandonada numa conistra de teatro. Entretanto êsse subjétivismo é fruto de apreciação objétiva, já, porque, esta visão lhe dá as linhas principais a seguir, já, porque lhe imprime emoção criadora.*

*Agis — Afirmas que a emoção subjétiva, tem um fundo objetivo, a sua razão de ser?*

*Zilyo — Afirmo.*

*Agis — Concordas, porém, que há certos desejos, certas emoções, que só têm a justificá-las um estado de alma especial.*

*Zylio — E esse estado de alma é fruto duma apreciação objéctiva. Quantas vezes, nós vemos um facto, e, só mezes depois, é que sentimos a emoção, que êsse facto nos causou. E, então, raramente somos capazes de filiar êsse sentimento latente num facto passado.*

*Há, por assim dizer, uma incubação. Por vezes um olhar, uma frase, produz em nós, mezes depois, num estado de espírito propício, uma comoção inexplicável.*

*Agis — Num estado de espírito propício... dizes... É o subjètivismo que defendo.*

*Zylio — Mas, êsse estado de espírito é fruto de causas tão objectivas como, por exemplo, o contato com a Naturêsa, que produz em nós uma emoção única.*

*Agis — Já, do alto duma montanha, contemplei a planície a meus pés. Ao longe via-se o mar e, no porto, as naves lembravam aves marítimas. Mais perto, um pequeno templo convidava aos sacrificios. E, então, ao vêr a fôrça dos Imortais, senti-me pequeno, ínfimo.*

## HELLADA

Zylio — *Não é dessa emoção que falo. Não te sentiste subjugado pela grandiosidade do meio? Não te sentiste possuído? Avassalada a tua alma?*

Agis — *Recordo agora. Chorei ao sentir em mim uma emoção inexplicável. Havia qualquer coisa de dolorosamente suave que me tomava, que me subjugava. E a emoção crescia. Então, quiz afastar êsse sentimento. Corri pela encosta em busca de alguém. Só quando cheguei á planície, e vi o trabalho dos campos, e os homens e os animais, é que a emoção desapareceu. Nunca mais subí a essa montanha. Talvez que hoje não tivesse fôrça para correr até á planície...*

Zylio — *Tenho por certo, Agis, que hoje não farias por quebrar esse encanto.*

Agis — *Zylio... Eu tenho de partir.*

*Volto para Tanagra. Já não posso viver em Atenas.*

*Zylio — Tu voltares para Tanagra? E porquê? Mas que succedeu?*

*Agis — Tenho que partir. Sinto que é essa a vontade dos Deuses. Se não parto...*

*Zylio — Se não partes...*

*Agis — Sinto que a minha vida mudará completamente.*

*Zylio — É porque fugir à vida? Vais-te de Atenas, e em Tanagra suceder-te-á o mesmo. É sempre assim. Não é mudando de cidade que se foge ao Destino. Só mudando de alma. Não partas. Fica!*

*Agis — Tenho de partir. Há qualquer coisa que me impele para ti, que me conduz para o teu amôr. Mas eu não posso. Aquela estátua que representa o*

HELLADA

*teu corpo, aquella estátua que nós dois fizemos, afasta-nos. Sinto dentro de mim dois sentimentos que lutam. E neste tormento se passa a minha vida. Mas lá longe, em Tanagra, mostrarei como o artista pode vencer a carne. É afinal a luta entre a matéria e o espirito. A minha carne procura-te. Mas aquella estátua que te representa, a arte, afasta-nos. Por isso parto.*

Zylio — *Nunca te ouvi falar assim. E queres deixar-me.*

Agis — *Não quero... tenho de te deixar.*

Zylio — *Mas não podes partir... E eu? Que será de mim? Que será do homem perdido dentro de si próprio?*

*Mas a estátua... Não te compreendo.*

Agis — *Sim, é ela que nos afasta. Com a estátua eu não posso... eu não devo...*



Zylio — *Mas se é esse bloco rígido de pedra que nos separa, destruamo-lo.*

Agis — *Destruir a estátua?! Pois se foi ela que fez com que eu te amasse; foi talhando, esculpindo esse bloco inerte, rígido, que comecei a querer-te. E tu dizes agora que o devo quebrar. Mas se ela é, o que eu tenho de mais querido. É pela estatua que sofro, é por ela que eu vivo. Destruí-la, era derrubar o meu sonho.*

Zylio — *Esqueçamo-la e amemo-nos!*

Agis — *Mas não é possível amar e esquecer-la. Esse é o tormento.*

Zylio — *Agis, não sejas criança. Abandona esse capricho. Por um pouco de pedra talhada não esqueças o amor.*

Agis — *Um pouco de pedra talhada... E és tu que dizes isso... Tu, a quem...*

Zylio — *Perdoa-me, Agis. Eu não sei*

## HELLADA

*já o que digo. Faça-se a vontade dos Deuses. Olha, aí vem Protis. Como corre açodado para aqui. Ágita os braços. Quere falar-nos. Que teria sucedido?*

*Protis — Ágis, meu amigo. Venho de junto de Elissa. Estive com ela até há pouco. Pediu-me que a acompanhasse à oficina. Queria ver a estátua de Zylío. Acompanhei-a e...*

*Ágis — E?*

*Protis — Quando descobri a estátua que estava envolta numa túnica branca, ela recuou um pouco. Uma palidez mortal subiu-lhe ao rosto. E, sem que eu pudesse retê-la, agarrando num ferro, partiu a tua obra, num furor selvagem, incompreensível. Contive-a a custo. Então, agarrada a mim, chorou por muito tempo. Abandonei-a, e, lem-*

*brando-me que, talvez, estivessem aqui, corri até cá, para vos trazer a triste notícia. Perdoai o mensageiro. Volto para junto de Elissa, que necessita de conforto. Ficai-vos com Zeus.*

*Zylio -- Agis...*

*Agis — Cumpriu-se a vontade dos Deuses.*

*Zylio — Esqueçamos tudo isto. Ouves como os pássaros cantam? Que bela a tarde. E o sol? E a vida como é bela?*

*Agis... vivamos em belêsa!*



*EMPÉDOCLE*

*A MARQUES MATIAS*



*Eu conheço a verdade. Ouvi: O que nós somos, é o resultado do que fomos. Queres explicar a tua vida, as dores que te assoberbam? Queres saber o fundo das coisas, oh! homem, olha para trás. Que fizeste antes? Praticaste, o bem ou o mal? Sabe, pois, que a tua vida presente, é o resultado da tua vida passada, assim como a tua vida futura, será filha da presente, como a vaga que ao morrer na areia, nasce da que a antecede* Eu conheço a ver-

## HELLADA

*dade e não a escondo. Revelo grandes segredos, mas vós, não os ouvis. Eu falo para os meus discípulos a turba não me compreende. Ela vê só a morte que julga ser o fim de tudo. A morte, é só o fim do curto caminho da vida. A morte não é morte, é libertação. Sois insensatos! Ontem vermes, hoje homens, pensais tudo conhecer. Sabei: A verdade está na Luz.*

*Calou-se. Na vasta praça quedava-se uma escassa multidão. Horas antes houvera sacrifício no templo e, ao movimento louco, sucedera uma calma, uma quietação, cortada só pela voz ardente do filósofo. Perto, o templo de pequenas dimensões, de forma retangular, punha uma nota de sobriedade elegante. As colunas altas sustentando a*



## EMPÉDOCLE

arquitrave e o friso triangular davam-lhe um aspéto aéreo, ligeiro. No friso, cavaleiros montados a dorso nú, sem sela e sem estribos, corriam à desfilada, o corpo inclinado para trás, num esforço hérculeo de joelhos. Advinhava-se a preocupação do artista em dar movimento e vida às suas figuras.

Nos degraus do templo, ociosos, jogavam aos dados. Aqui, de túnicas curtas, negociantes conversavam e riam. Alguns hoplites caminhavam soceadamente, vigiando as locandas das ruas próximas. Escutando Empédocle uma restrita minoria agrupava-se em torno do esgalgado filósofo. Era alto, magro, no queixo, abundante barba quadrada, contrastava com a cabeça calva. De manto curto e braço levantado para os

## HELLADA

*céus era um tipo característico entre a fauna dos filósofos atenienses. Nada tinha de seu. Ou tudo dera ou nunca fôra rico. Vivia. Ouçamo-lo.*

*«O homem é insensato! Julga têr nascido de pai e mãe, e êstes, de quem nasceram? Doutros pais e doutras mãis! Pois sabei, que nasceu do espírito das florestas, das frágoas das montanhas, das flôres dos prados! Foi ramo de árvore, verme imundo, serpente venenosa, peixe dos máres, animal sangüinário. Eis seus pais e suas mãis. Eis o que êle foi e o que ele é. É nada que veio do Nada, e que para lá volta e de là voltará, até que a sua alma esteja limpa, como as túnicas das virgens. Até atingir a Luz tem de errar pelo mundo. É na vida, na vida dolorosa de cada*

## EMPÉDOCLE

*dia, que se expiam as culpas das outras vidas anteriores.*

*Nos vossos negócios tendes livros, onde anotais o que vos devem e o que vos falta pagar, pois sabeis que por cada sêr que aparece na têrra, há no livro da Luz uma página em branco. E, que assim como os vossos livros são escriturados, assim no livro branco da Luz se anotam as ações boas e más. É só, quando a vossa página estiver branca e pura de todo o mal, de todo o crime, é que alcançareis a Luz e o descanso. Antes não! Tendes de voltar á terra até que, pelas vossas boas ações, se apague o que está escrito no livro branco da Luz.*

*A morte, sabeis-o, não é o fim de tudo.*

## HELLADA

*A morte é a mudança, a transição de personalidade. Que serei eu amanhã? Não o sei! Talvez que a minha alma se vá abrigar no corpo dum bárbaro do Ocidente, talvez que transformado em ave alterosa roube ovelhas aos rebanhos fartos. Que sei eu do destino? Que sabemos nós, homens, do dia de amanhã? Tudo para nós é mistério. A vida, a morte, são os dois maiores mistérios entre os quais a nossa existência decorre e, apesar disso, ousamos negar o que há de superior e de incompreensível no nosso aparecimento e no nosso desaparecimento. Compreendi-me. Eu falo claro, mas os vossos cérebros estão fechados á verdade. Seria possível estarem a aparecer a cada momento novas almas, animando novos corpos? Não, não era possível. As almas de hoje são*

## EMPÉDOCLE

*as mesmas do princípio do mundo. São as almas dos pais dos pais dos nossos pais. São as mesmas que têm passado de homem para homem, de animal para animal, de árvore para árvore. São as mesmas que animaram os corpos de argila que Prometheu concebeu e realizou. Tempos haverá em que, nesta praça ou noutra praça irmã desta, outros homens vos dirão as verdades, que agora vos confio. Tempos virão em que os vossos olhos se abrirão á verdade e á Luz. Quando as vossas almas em outros corpos, ouvirem estas mesmas palavras, reconheceréis que a verdade talava pela minha bôca. Se agora não me acreditais, é porque vivêmos numa época de cobardias, de crimes, de insensatez. Pensais só nos prazeres, no corpo e esqueceis a alma. Sabei que a nossa alma é o único*

## HELLADA

*juiz que sempre nos acompanha e que não muda. O que muda é a matéria, o corpo. Assim como vós mudais de túnica, assim a alma muda de corpo.*

*Afigura-se ao homem a morte como um mistério. A vida, julga ele conhecê-la, apesar de não saber justificar o seu começo. Eu venho aqui afirmar que a morte, não é morte, é vida. A morte é um aspéto da vida. Direis: Sim! Morrer é deixar de viver, deixar de viver faz parte da vida. Pois eu, digo-vos, que esses são os argumentos súbtis dos filósofos que constroem as suas teorias e que não se fundam na verdade. Quando digo que a morte é um aspéto da vida, não minto, pois que a morte, não é mais do que, a mudança do invólucro carnal, exterior, mudança*

## EMPÉDOCLE

*esta, que o vulgo não percebe. Aquilo que o vulgo chama morrer, não é senão, o abandono dum corpo, indo a alma habitar outro corpo. Será isto o fim? De facto, o corpo transforma-se em vermes, em humus, deixa de ser o que é, para o vulgo, morre. Mas o que vos interessa, a vós, seres pensantes e cultos, a matéria bruta, a carne, o invólucro, o exterior ou a alma, o imaterial o impalpavel, o divino? Respondei. Ah! certamente que rendeis, mais, culto á alma do que ao corpo e assim, não vereis na morte o fim, mas a mudança de aspecto exterior. É difficil prevêr o futuro, só as sibilas têm esse poder. Entretanto eu não prevejo, vejo claramente. Isto que vos confio é a verdade, e nada mais que a verdade. Se só o corpo muda comprehende-se que a alma, pro-*

## HELLADA

*cura nas reencarnações sucessivas limpar-se de todo o mal que praticou anteriormente. Doutro modo as almas eram condenados perpetuos sem esperança de paz e descanso. Assim, a alma voltará á essencia divina donde emanou, quando, pelas reencarnações contínuas, atíngir a purêsa do momento em que foi creada. Então voltará para o Nada donde partiu, voltará para o esquecimento, para a paz, voltará para a Luz. No dia feliz em todos, atenienses e bárbaros, ricos e pobres, eupátridas e tétas, em que todos enfim, acreditem que serão obrigados a expiar os seus crimes, de uma maneira absoluta, certa, é inevitavel creio que então uma nova éra de paz reinará no mundo.» Empédocle calou-se. O seu braço magro parecia, num gesto largo,*



## EMPÉDOCLE

*querer abraçar o vasto orbe. Ao longe,  
por detrás da Acropole, o sol morria.  
Um último raio, côr de fogo, averme-  
lhado, veio beijar a frontecalva do  
filósofo, envolvendo-o numa auréola  
de Luz.*



*L Y S A N D R O*

*A GEORGES DE ROO*

J. S. AND S. O.

A. GEORGE DE R. O.

*Vou contar-vos a história de Lysandro, o moço, filho de Lysandro, o grego. Mercador em Thebas, guerreiro em Sparta, filósofo em Atenas, levára vida aventureosa. Acabara então a guerra do Peloponeso. Felipe da Macedónia, conhecedor dos homens e das possibilidades da Grécia, resolvera submetê-la ao seu jugo. Átivo, audacioso, sem escrúpulos, sabia empregar todos os meios para atingir o fim desejado. Encontrou, porém, em Demósthenes um adversário*

## HELLADA

*encarniçado. No agora o povo, aglomerado, escutava a palavra fluente do velho orador: «Atenienses, que esperais? Felipe, o bárbaro, prepara-se para nos atacar e, entretanto, ninguém se levanta e sob á tribuna, para defender Atenas e a República e eu vejo aqui todos os generais e todos os oradores. Por isso me levantei. Dentre vós, que me escutais, qual não dará o seu sangue, a sua casa, a sua fazenda, para salvar Atenas querida? Acaso, sois escravos? Sois homens livres? Provai-o! E, para o provar, há, por Zeus, um único caminho: lutar. A fôrça que êsse ambicioso tem deve-a á vossa incúria. Lutai!» Ly-sandro seguia Demósthene e lutou contra os macedónios. Mas Felipe com a sua falange de 16 filas de fundo mostrou como a civilisação quebranta o*

## LYSANDRO

*espírito guerreiro. E os atenienses foram vencidos em Cheronée, na Beócia. E Felipe governou na Grécia, até que foi assassinado, durante umas festas dadas pelo casamento da filha, por um nobre macedónio ultrajado.*

*Lysandro procurára refúgio na costa, após o desastre de Cheronée. E agora que os gregos, excéto os espartanos, aceitavam o jugo macedónio, Lysandro ambicionava afastar-se para longe, para muito longe... No golfo de Égina, carregava barco fenício — flancos arredondados, levantadas aos céus as extremidades — onde Lysandro esmolou viagem para Siracusa, na Sicília, na qual governára o tirano Gélon. E, como ele saberia, decerto, contar os feitos lendários dos seus Deuses, aceitaram-no.*

## HELLADA

*Fizeram-se de vela ao amanhecer. Levava o barco mirra e onyx da Pérsia, marfim e especiarias da India, vinho de Samos embriagador e linho do Egito. Então, pela noite fóra, âncora na areia, beijados pelo luar, Lysandro contou o ardil de Ulisses na guerra de Troia e a vitória dos Deuses sobre os Titans, que haviam sobreposto montanhas no desejo de escalar o calmo Olimpo.*

*Os fenícios, escutavam, maravilhados. Então Mérito, o fenício, contou como, de Cartago, Hanon, o sufeta, querendo fundar colónias saíra pelas colunas de Heráklés e chegara ao grande rio oceano. Seguiu sempre a costa esbrazeada pelo sol ardente, e chegára às terras da Lybia que o sol queima. Contou como Hanon, depois de muito ter navegado,*



LYSANDRO

*subira o grande rio, até um lago cercado de altas montanhas, onde selvagens, vestidos com peles de animais impediam o desembarque. Da terra, saiam torrentes de fogo que se lançavam nas águas. Para além, para o sul, o mar desaparecia num inferno de chamas. Hanon, o sufeta, fugira. E Melito afirmava ser esse o reino de Baal, deus do fogo.*

*Quatro luas passadas, chegaram a Siracusa. Achou-se Lysandro só, no cais dessa colonia desconhecida. Mercadores gregos, em grupos, discutiam, risonhos. Falava-se do próximo banquete público, em Sybaris, ao norte, onde se concederia uma corôa de ouro ao cosinheiro que apresentasse prato mais saboroso. Pelo cais, camponeses*

## HELLADA

*de túnica curta, caminham afadigados. Por Lysandro passam carretas rústicas, carregadas com anforas de vinho que escravos, semi-nus, tinham descarregado do ventre das naves. Gritos de carregadores casam-se com os pregões das vendedeiras do porto. Escravos, levando à cabeça urnas de cobre, dirigem-se para as fontes, onde tritões de mármore lançam jatos de água fresca, que vem das montanhas do interior. E Lysandro, vendo aquele movimento, aquela vida, febril despertou do seu sonho.*

*...Preguntou onde vivia Nann, chefe dos mercenários. ...E quando lhe disse que era grêgo e que se queria alistar, Nann, acolheu-o risonho. A fama de Ulisses corria mundo...*

## LYSANDRO

*Dava a bela Arethusa, sumtuosa festa no seu palácio. E Lysandro foi guiado, por um escravo até junto de Arethusa, que se encontrava na sala do festim. Para aí se dirigiu. Entrou no peristilo. Um lago de mármore, onde moravam peixes de côres várias, refrescava o ambiente. A um canto, sôbre um grosseiro plinto, o dôrso nú dum fáuno contorcia-se num riso sádico e franco. A gargalhada, que se lhe advinhava nos lábios, éra brutal de expressão e fôrça; as aliva molhava-lhe os dentes agudos e os lábios grossos, sensuais. Entrou, em seguida, numa vasta quádra pavimentada de mosaicos. Assentada num escano baixo, Arethusa, a bela, sorri, ouvindo Phalanthe, poeta grego que ela mantinha para dar um ar de intelétualidade àqueles festins que*

## HELLADA

*degeneravam em bacanaís quando, encostada a uma escrava, se retirava para o leito solitário. Jovens indígenas conversavam a um canto, e ao verem entrar Lysandro, cujo porte tinha qualquer coisa de divino, quedaram-se a olhá-lo. Vestia Lysandro simplesmente; mas a fronte alta e, nobre, o olhar franco tornava-o superior áqueles jovens afeminados que, pintadas as faces a zarcão, e encaracolados os cabelos, lembravam aulétridas decadentes, esforçando-se por agradar. Arethusa, a bela, disse-lhe, com vehemencia, num tom de voz suave: «Salvé, Lysandro! Um grêgo é sempre bemvindo em minha casa. Falei com Nann, o chefe dos mercenários, e êle teceu elogios ao seu novo dux dos archeiros». Eram 10 os convidados. Junto de Arethusa, um es-*

LYSANDRO

cano vago lembrava Sirnos que, por mares longiqüos, traficava. Phalanthe propoz que se dedicasse o festim a Apollon, deus da poesia e da música. Ouviu-se vagamente falar em Dionisio. A libação consagrada foi feita em honra do Deus das musas. Começara o serviço. Escravos núbios traziam, da sala próxima, longos tabuleiros com aperitivos. Serviam-se ovas com rábanos, ostras de Lucrino, com mólho verde que escorria, pequenos mariscos frescos para acompanhar com alhos. Passára o primeiro serviço. Bebia-se o Phalerno e o Massico de Itália, importado da Sibarys. Anforas sujas de poeira, continham o vinho de Samos, embriagador como caricias de amôr, e o de Chios que as naves traziam como tesouros. Do Pontus Exinus, tinham

## HELLADA

vindo peixes secos que se comiam com legumes. Conversáva-se acêrca dumas canções, á maneira grêga, que Phalanthe compusera em honra de Arethusá. Então, Lysandro, proferiu a sua opinião quanto ao tom em que deviam ser cantadas na lira, e aconselhou a maneira de vestir que imperava na Acrópole ateniense, quando, menses passados, daí saíra com Demósthenes para abatêr o bárbaro Felipe. Insensivelmente, conduzia as conversações, e quando, levantando-se, coroado de rosas, propoz que se bebesse por Arethusá, a ninfa fundadora de Siracusa, foi um delírio. Gabava-se o talento de Lysandro em dirigir um festim. Três festins antes, quando Sirnos, hoje ausente, dirigira, o aborrecimento abria a bôca que um escravo fechava com uma

LYSANDRO

taça de vinho. E, ao estabelecer paralelo louvavam a Lysandro. Serviam frutas e dôces. A embriaguez apoderára-se da maioria dos convivas que, agarrados ás escravas, avaliavam da rigidez das suas carnes. Ia começar a bacanal. Um dos convidados reclamava que lhe dessem de beber. Arethusa saíra discretaemnte. Phalanthe, com um escravo e uma escrava sôbre os joêlhos, recitava versos em louvor de Eros. Graves comerciantes iberos gargalhavam, entretendo-se a meter a cabeça duma escrava numa pátera com vinho. Deitado num escâno, um jovem indigena sorria, desfalecendo de amôr. E, junto dêle, uma escrava desnudava-se. No chão enlaçados, confundidos, numa ância brutal de inteira posse, rolavam dois corpos jovens, numa contração de

## HELLADA

*músculos. Lysandro saiu da sala. Atravessou a biblioteca e, ao passar no peristilo, viu, por uma porta aberta, Arethusa, a bela, núa, em frente duma chapa de metal polido. As suas carnes brancas e rijas lembravam o mármore das estátuas. Os seios rígidos, intumescidos, depois o ventre redondo e, finalmente, as pernas finas, eram, detalhadamente, admirados por Lysandro que, louco de desejos, avançando, arriscou um passo. Ela, enlevada com a sua beleza, não o pressentiu. Com a mão branca descia do colo argenteo aos quadris largos e ao ventre de curva suave. E Lysandro, penetrando no quarto, tomôu-a nos braços sólidos e, levando-a para o leito, contou-lhe do seu amôr e do seu desêjo. Arethusa abandonada, entregou-se.*



## LYSANDRO

*Na quietação dos jardins, onde estátuas de mármore contavam o rapto de Europa por Zeus, Arethusa, a béla, e Lysandro, o moço, teciam o seu romance de amôr. Nascia o sol e a sua luz divina vinha beijar as frentes dos dois amantes; quando desaparecia no horizonte, envolvendo a terra num manto de tristêsa, era juntos, que a noite os encontrava. Nesses longos dias de verão, que o Amôr tornára breves, Arethusa contou a história da sua vida, a sua história.*

*Fôra seu pai um nobre grêgo que os acasos da fortuna tinham trazido a Siracusa. Aí se enamorára de Cori e dela houvera Arethusa. Creança ainda ela tornára-se notáda pela sua belêsa e, ao atingir a maturidade plena das fór-*

## HELLADA

*mas de mulher fôra requestrada, mas o seu coração mantivera-se sempre indiferente, num indiferentismo egoista e sonhador. Seu pai pedira-lhe no leito da morte que casasse com Sirnos rico, mercador, cujas naves sulcavam os mares e seus armazens indicavam no mâpa das rotas, os portos para traficar. Assim se casára. Não amava o esposo. Sirnos, pensando só nos negócios, esquecia-se, que uma mulher nova e béla se aborrecia, entre as riquêsas do seu palácio. Assim a deixava meses só-sinha, para, ao voltar, lhe trazer um colar de pedras do Oriente e umas rápidas carícias. Era assim a sua vida. E agora, que amava, que vivia, propunha a Lysandro a fuga, para a ilha de Capri, perto de Parthenops, ilha de sônho e de amôr, com cíprestes e cactus gigan-*

LYSANDRO

tescos. As suas joias chegariam para ambos. Planearam a fuga. Mas não era essa a vontade dos Deuses. E, por um mercador que chegára de Kenkrées, no isthmo, soube Arethusa que Sirnos encontrára a morte num naufrágio perto de Helesponto. Tudo se perdera: vidas e fazenda. Arethusa abençoou os Deuses. Nada se opunha já, aos seus amôres.

Anos se passaram naquele amôr sem fim.

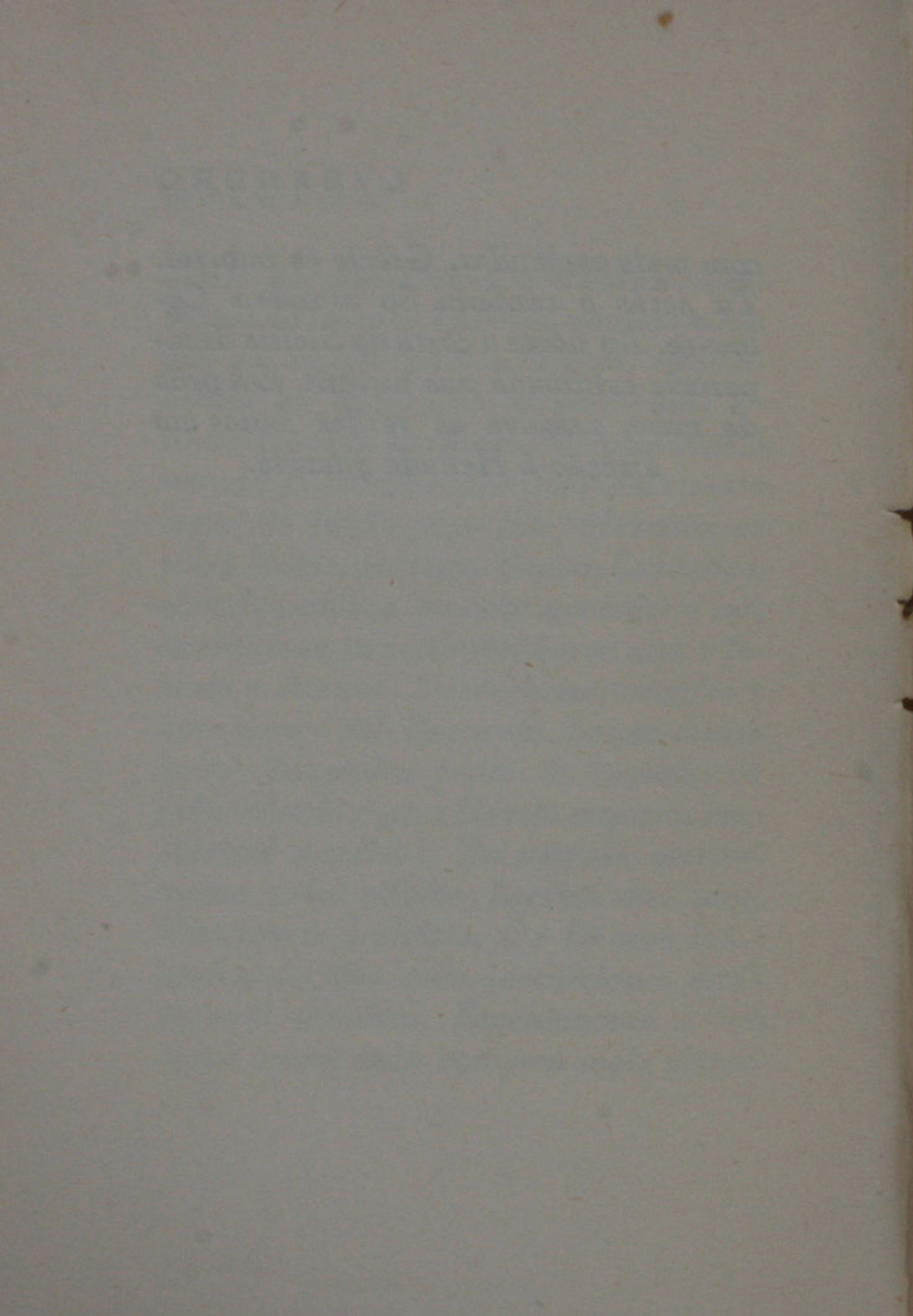
Saira Lysandro nesse dia, e tóra ao cais aguardar uma nave que lhe trazia cobre de Zazinto. Era o governador um ateniense que também combatera em Cheronée, quinze anos atrás. E, Melos, o governador contou a

## HELLADA

morte de Alexandre, e o desmembramento do imenso império, contou mais, que se dirigia para a Grécia, respondendo ao apelo que os atenienses tinham lançado aos gregos, dispersos pelo mundo. E acrescentava que, mal tivesse vento de feição, que lhe enfunasse as velas largas, partiria. Então, Lysandro, abandonando a amante querida, o lar, as riquêsas, penetrou no barco que o levaria a Atenas. Suave brisa, impelia a nave para o sul. Partiram. Longe, muito longe, Lysandro junto do esporão da prôa voltado para a Grécia murmurava: «Grécia querida! Tu viverás eternamente pelo esforço heroico dos teus. Vaticino-te a vitória. Os Deuses lembrar-se-ão dos teus sacrificios e Arés ser-te-á propício. Eternamente o teu nome soará cada vez com mais glória,

LYSANDRO

*com mais esplendor. Grécia és imortal.  
Tu serás a senhora do mundo.» Ca-  
lou-se. Ao norte a costa da Sicilia desa-  
parecia esfumada nas nuvens. E a prôa  
da nave, rasgava as verdes águas em  
direção à Hellada querida.*



*P O Ê M A B R E V E  
D A P R I M A V E R A*

*À CELESTE, MINHA IRMÃ*

POEMA BREVE  
DA PRIMAVEIRA

A CELESTE MINHA IRMA



Sente-se já a primavera no brilho do sol e no aroma das flores. A primavera aproxima-se. As árvores erguem mais os seus braços num espreguiçamento... Os seus ramos parecem querer abraçar toda a primavera que chega, parecem querer impedir que ela fuja, barrando-lhe a passagem. Os ciprestes esguios, são embalados docemente pelo vento do meio dia. A paisagem animada de qualquer coisa divina, encanta! O aroma das amoreiras floridas,

## HELLADA

enche tudo. E a chuva caindo, tem um ar alegre de despedida; anuncia já a primavera. O aroma das amendoeiras persegue o viandante e perfuma o espirito das árvores. E o sol, alto, no claro horisonte, ilumina a terra ressuscitada. Paira no ar uma paz calma. Sente-se o tempo decorrer... Os eucaliptos altos, como torres de vigi., murmuram dizeres imprecéteveis. E os seus queixumes acordam a Natúresa adormecida! As cigarras com os queixumes dos eucaliptos, com as baadas dos ciprestes, com o cheiro das amendoeiras, acordam e cantam. E as suas cantigas embalam... Da terra molhada pelo orvalho da madrugada ergue-se, assim, um hino à terra, primavera e à vida! Os espiritos que habitam nas árvores cantam mais a ó. Os queixumes dos

## POEMA DA PRIMAVERA

*encaliptos são mais dolorosos, mais profundos. O perfume das amendoeiras do pomar é mais intenso. E as roseiras bravas, à beira dos caminhos, estendem mais os seus ramos para que o viandante colha as suas rosas brancas. Os malmequeres amarelos, que juncam os campos, são o tapete que a Naturêsa oferece à Humanidade. E o tapete, estende-se muito amarelo, cortado aqui e além por uma nota rubra, alacre, duma papoila prematura. E o verde da relva confina, confunde-se, com o amarelo dos malmequeres. As estradas, muito brancas, muito lavadas, são fitas de linho que se estendem atravez dos campos. E quando a noite desce, a lua desponta no azul do ceu, num manto de luz muito claro, dum branco azulado, inundando as terras e*

## HELLADA

enche tudo. E a chuva caindo, tem um ar alegre de despedida; anuncia já a primavera. O aroma das amendoeiras persegue o viandante e perfuma o espirito das árvores. E o sol, alto, no claro horisonte, ilumina a terra ressuscitada. Paira no ar uma paz calma. Sente-se o tempo decorrer... Os eucaliptos altos, como torres de vigia, murmuram dizeres imprecáveis. E os seus queixumes acordam a Natuêsa adormecida! As cigarras com os queixumes dos eucaliptos, com as baadas dos ciprestes, com o cheiro das amendoeiras, acordam e cantam. E as suas cantigas embalam... Da terra molhada pelo orvalho da madrugada ergue-se, assim, um hino à terra, primavera e à vida! Os espiritos que habitam nas árvores cantam mais a'ô. Os queixumes dos

## POEMA DA PRIMAVERA

*encaliptos são mais dolorosos, mais profundos. O perfume das amendoeiras do pomar é mais intenso. E as roseiras bravas, à beira dos caminhos, estendem mais os seus ramos para que o viandante colha as suas rosas brancas. Os malmequeres amarelos, que juncam os campos, são o tapete que a Naturêsa oferece à Humanidade. E o tapete, estende-se muito amarelo, cortado aqui e além por uma nota rubra, alacre, duma papoila prematura. E o verde da relva confina, confunde-se, com o amarelo dos malmequeres. As estradas, muito brancas, muito lavadas, são fitas de linho que se estendem atravez dos campos. E quando a noite desce, a lua desponta no azul do ceu, num manto de luz muito claro, dum branco azulado, inundando as terras e*

## HELLADA

*os mares. Agora, os ciprestes vistos à luz do luar, são mais esguios, tão altos que chegam às nuvens. Parecem sustentar o ceu. As flores adormecidas pelo sol, acordam com a chegada da noite. É um perfume intenso, inunda os ares. E há o perfume das rosas bravas, e o das flôres silvestres, e o das amendoeiras floridas do pomar. O cheiro da terra molhada junta-se ao perfume das flôres e o conjunto embriaga os sentidos do viandante. O vento perfuma-se no aroma das flôres. As cigarras cantam, ainda, esquecidas do tempo e do sol. Há um sôpro que anima as plantas e as arvores, as rochas e as montanhas. Há um sussurro que não é o dos eucaliptos, nem dos ciprestes. É a terra tem sussurros de amante sequiosa... Sente-se a vida, latente, na imobilidade das ro-*

POEMA DA PRIMAVERA

*chas e nos troncos carcomidos das arvores que não florescem. Ouve-se a seiva cantar, nos galhos e nas ramadas. E a seiva corre pelos campos, até chegar ao coração do homem. E o homem, ao sentir a vida que faz vibrar a Naturêsa, sente-se mais forte, mais novo! E a vida é mais bela e o sol tem mais brilho. A seiva que animou as coisas, anima agora o coração do homem. E o homem, debruçado sobre a Naturêsa, colhe um ramo das rosas bravas, que se debruçam para ele, na fita branca da estrada.*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
 LIBRARY  
 540 EAST 57TH STREET  
 CHICAGO, ILL. 60637  
 TEL. 773-936-5000  
 FAX 773-936-5000  
 WWW.CHICAGO.LIBRARY.EDU

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
 LIBRARY  
 540 EAST 57TH STREET  
 CHICAGO, ILL. 60637  
 TEL. 773-936-5000  
 FAX 773-936-5000  
 WWW.CHICAGO.LIBRARY.EDU

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
 LIBRARY  
 540 EAST 57TH STREET  
 CHICAGO, ILL. 60637  
 TEL. 773-936-5000  
 FAX 773-936-5000  
 WWW.CHICAGO.LIBRARY.EDU



EDIÇÕES MOMENTO  
EM ORGANIZAÇÃO  
R. DOS FANQUEIROS  
NÚMERO SESSENTA  
E CINCO, SEGUNDO  
LISBOA

/

AVENIDA RAINHA  
ELISABETH  
NÚMERO NOVENTA  
E QUATRO-RIO DE  
JANEIRO

/

*Estes Frizos Gregos foram  
compostos e impressos du-  
rante o mez de Maio do ano  
de mil novecentos e trinta e  
quatro nas oficinas gráficas  
da Tipografia Portugal em  
Lisboa Rua da Rosa número*

*dezasseis*

para  
EDIÇÕES  
MOMENTO

/



